

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**DEACE-COTEA**

ARTUR AUGUSTO PAZ DANTAS

**JOGOS DE ESCUTA E PERCEPÇÃO PARA RETOMAR  
ATIVIDADES PRESENCIAIS APÓS ISOLAMENTO: DISCUTINDO  
VIOLA SPOLIN, BEM-ESTAR E O ACESSO À EDUCAÇÃO À  
DISTÂNCIA**

Artigo de TCC – apresentado à banca examinadora para obtenção do título de licenciado, do curso de Teatro (COTEA), no Departamento de Artes da Cena (DEACE), da Universidade Federal de São João del-Rei.

Orientador: Alberto Ferreira da Rocha Junior

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Grupo Tiradentino de Teatro *Entre&Vista* por ceder seu espaço, seus convidados, integrantes, seus conhecimentos, pontos de vista e atravessamentos, agradeço também a professora Raquel (Escola Estadual Padre Crispiniano) e Rosana (Escola Municipal Marília de Dirceu) que se dispuseram a me inserir em suas turmas e em suas dinâmicas, tornando menos turbulento e mais produtivo meu início em sala de aula mesmo com todas as dificuldades que ambas possuíam durante e após toda a crise sanitária e seus percalços, agradeço muito a todos que tiveram a humildade e disponibilidade de me ouvir, participar dos encontros e mergulharem nos temas pesquisados com tanto afinco. Preciso agradecer grandemente meu orientador e coordenador de pesquisa Alberto Tibaji que desde o meu primeiro semestre acompanhou de perto no mínimo semanalmente os reveses da minha rotina na academia, em nossas montagens, aulas ou grupo de estudos, muitas observações e atravessamentos presentes nesse trabalho derivam de oficinas, ensaios, atividades e apresentações realizados por nosso grupo de estudos. Durante o processo de idealização e concepção do espetáculo “*Pequenos Excessos*”, que nos rendeu aprofundada pesquisa de cenas e experimentação sensorial, podemos de forma inicial ter contato com a sala de aula e lecionamento pré crise sanitária, viajamos, ministramos oficinas e de forma superficial reforçamos os laços institucionais com comunidades locais facilitando o contato com o teatro e atividades culturais. Agradeço também meus professores e orientadores de estágio André Lopes Magela, Cláudio Guillarduci e Davi Pinto, minha mãe e exemplo de garra e perseverança Roseane Paz, meu irmão Murilo Paz e meu marido Miguel dos Santos que sempre me lembram que sou muito amado, zelado, capaz e motivo de orgulho. Meus amigos que sempre iluminam meus dias, o tornam uma experiência rica, única e menos desgastante, o Matheus que sempre facilitou minha compreensão com seus raciocínios, explicações, forma de lidar com a academia e sua disponibilidade em sanar minhas dúvidas e indagações, permitindo-me sentir-se mais ouvido, inserido, inteligente e compreendido. E por último agradecer imensamente a mim por minha força de vontade e minha capacidade para enfrentar os trabalhos, fins de semana exaustivos e rotinas desgastantes, fora e dentro da academia, em São João e também seus arredores, sem toda essa garra e apoio de toda essa gente radiante tal conclusão seria inalcançável.

## RESUMO

Este texto é resultado das reflexões a respeito da oficina em parceria com o grupo *Entre&Vista* desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de graduação em licenciatura em teatro da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. As reflexões e considerações aqui transcritas são parte da pesquisa desenvolvida pelo aluno em sua trajetória na universidade, nas aulas de *Viola Spolin: O ensino do teatro por meio do jogo*, no projeto de pesquisa *Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: visibilidade, minoritarismo e representação*, vinculada ao Departamento de Artes da Cena (DEACE) e suas experiências estagiando durante e logo a seguir à crise sanitária nas cidades de Tiradentes, São João del-Rei e Ritópolis onde junto à comunidade local, dentro das escolas ou não, puderam ser observados com algum distanciamento impactos e reverberações das medidas do governo estadual com o PET - (Plano de Estudos Tutorados), o retorno dessintonizado e precipitado das aulas, e a baixa capacidade de financiamento do governo federal, sua ausência e falta de comprometimento para assumir a condução da crise e seus percalços junto às escolas e municípios que antes da crise sanitária já se encontravam necessitando de tal comprometimento e subsídio federal.

**Palavras-chave:** Adaptar; Planejar; Jogos Teatrais; Autopercepção; Democratizar; Educar; Comunicar; Política Pública; Bem estar; Isolamento; Coordenar; Consciência corporal.

## INTRODUÇÃO

No trabalho a seguir pretendo elucidar e transcrever observações, experimentações e vivências a que a crise sanitária de COVID 19, o ensino à distância e o isolamento submeteu-nos, inserindo este trabalho de conclusão de curso (TCC) em um contexto conturbado e incomparável, conseqüentemente a oficina idealizada e seus objetos de pesquisa também foram ajustados e uma vez mais planejados. Em agosto de 2021 esse contexto, a que escolas e seus alunos estavam submetidos, corroborou para que em parceria com outros dois graduandos, Aretha Lima e Hosanan da Conceição, membro e colaborador do Grupo *Entre&Vista*, concebêssemos um trabalho voltado ao cuidado desses alunos, bem-estar dos mesmos e a preparação para que voltassem ao convívio diário da educação formal, previsto para o segundo semestre no final daquele ano. Elaboramos três dias de jogos teatrais antecedidos de um longo relaxamento, conversa cotidiana, e acrescidos de teorização e contextualização sobre eles e as possibilidades que oferecem para experimentação dos sentidos e do corpo, em cada encontro partindo de novas perspectivas para serem experimentadas, do segundo e terceiro encontro reservou-se mais de trinta minutos de sua finalização para que discutíssemos o que jogamos e o que foi experimentado pelo grupo, permitindo-nos teorizar a respeito das atividades realizadas e seus prós para socialização, maior qualidade de vida e para o estabelecimento de espaços seguros de discussão.

Vivíamos também nesse contexto o abandono dos espaços culturais, reservados à socialização e ao entretenimento devido às medidas de distanciamento os impossibilitarem tornando-os mais inacessíveis e menos competitivos enquanto plataformas e aparelhos eletrônicos, de forma equivocada e distorcida, supriam essa demanda, ressalta-se que a mesma está resguardada a crianças e jovens pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), garantindo a todo jovem brasileiro pela carta magna direito à dignidade, educação, cultura, esporte e lazer, mas no contexto pandêmico não esteve respaldada pelo Presidente em exercício que em variadas ocasiões confrontou profissionais da cultura, artistas, e instituições de ensino superior que careciam de seu respaldo e popularidade. Sendo assim neste trabalho discorri a respeito das possibilidades idealizadas para suprir tal demanda, qual o papel da EBC (Empresa Brasil de Comunicação) com suas TVs, rádios e plataformas nessa iniciativa, como e o quê conseguimos colocar em prática na oficina; que contou com apresentação, relaxamento inicial, conversas informais (presenciais, ou nas plataformas), teorização sobre os jogos de Viola Spolin seguida pela experimentação dos mesmos; e a relevante parceria que tornou tudo possível com o grupo de teatro Tiradentino *Entre&Vista* disponibilizando espaço, cafés, tecnologia,

figurinos, integrantes e convidados. No contexto mencionado necessitávamos dar sequência à graduação e à elaboração de um plano de aulas passível de ser implementado levando-nos então ao tema pesquisado, sua contextualização e planejamento a partir da realidade vivida; e idealizar modelos passíveis de readaptações, rearranjos e novas releituras, penetráveis em plataformas e eletrônicos, tornando oficinas como essas mais democráticas, populares e com demanda crescente se o setor puder contar com a divulgação e o apadrinhamento de chefes das mais variadas esferas, principalmente do executivo responsável pelas cadeias de tvs e rádios, quem conta com maior respaldo da população e o controle da EBC.

## **A CONSTRUÇÃO DA OFICINA**

O Grupo *Entre&Vista* mantido a duras penas por Hosanan da Conceição, seu pai e demais colaboradores há mais de vinte anos nos fundos da igreja de São João Evangelista, tornou todo esse trabalho possível. O EAD (Ensino à Distância) se encontrava em vigor na educação formal em agosto de 2021 e o grupo se encontrava em processo de gravação submetido a edital estadual com todos os seus colaboradores, amigos e apreciadores engajados nas plataformas e no processo. Considerando que o acesso a toda disponibilidade e energia destas pessoas interessadas nos foi facilitado, favorecendo-nos também no planejamento, realização e implementação da oficina, a partir do grupo que possuíam no *WhatsApp* apresentamos a proposta e nossos objetivos, a seguir realizamos o convite e conciliamos os horários, utilizamos o grupo também para postagem dos textos teóricos. Resolvido isso, decidiu-se pelo domingo 15/08 de 15:00 às 19:00 horas para começarmos a oficina e discutirmos sua continuidade no final de semana seguinte sexta 20/08 de 15 às 19:00 horas, sábado 21 para um encontro à distância de 16:30 às 18:00 horas, domingo 05/09 presencialmente no mesmo horário do primeiro encontro, sábado 19/09 novamente à distância no horário do anterior e o dia 03/10 uma vez mais presencialmente, nos horários já mencionados, para o encerramento. Totalizando cerca de 20 horas de trabalho presencial e à distância com rápida discussão no *Whatsapp* a respeito de jogos que queriam experimentar, envio de arquivos como o livro *Improvisação para o teatro* de Viola, respostas a dúvidas sobre a programação e algum retorno sobre os jogos e dinâmicas realizados. Com quase vinte alunos entre oito e trinta e três anos a realização desses jogos e toda a discussão converteu-se em um espaço com vastas experiências, pontos de vista e abordagens distintas da mesma instrução ou jogo tornando a oficina um laboratório de experimentação ainda mais rico em diversidade e em soluções praticáveis.

O espaço disponibilizado pelo *Entre&Vista* situava-se em uma igreja com amplo jardim gramado com sua sala traseira adaptada à prática teatral estabelecida como sede do grupo preservando todo equipamento técnico, arquivos históricos, registros, documentação, espelhos e acervo de figurino, indumentária e cenografia possuídos por eles. A sala possuía entre 15 metros de comprimento por 6 de largura e 6 de altura, 4 janelas grandes laterais e duas portas altas, dianteira e posterior, espelho de 2 metros de altura por 5 de comprimento, chão encerado de madeira e um jardim traseiro e lateral. A lateral foi mais que suficiente com seus 25 metros de comprimento por 6 de largura e agradável iluminação solar somada a dois refletores médios complementares, para aprofundar a imersão no espaço teatral e delimitá-lo, diminuí-lo.

Um dos membros do grupo encarregou-se de filmar e fotografar nosso primeiro encontro. Com essas imagens e vídeos analisamos quantas pessoas couberam no quadro, a necessidade de microfones, pontos de vista e experimentação não observados presencialmente, como nos portamos durante a prática, o quanto de imersão esses jogos podem proporcionar se realizados à distância, o que se perde na gravação, as possibilidades de adaptações e releituras do modelo para plataformas, tvs e rádios, como se desdobraria tais atividades quando realizadas com alunos PCD's com distintas limitações sensoriais, como surdez ou cegueira, os diferentes desdobramentos e soluções que seriam necessários, exigidos em todos esses contextos mencionados e principalmente no contexto vivido momentaneamente com a crise sanitária exigindo novas adaptações e protocolos.

Durante toda a graduação permaneci como membro, bolsista e colaborador do grupo de pesquisa *Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: visibilidade, minoritarismo e representação*, com meus estudos orbitando os do coletivo, voltados a inclusão, performance, improvisação, imersão, adaptação, papéis de gênero, telenovelas, jogos teatrais, princípios da voz, pedagogia do teatro, políticas educacionais, psicologia da educação, gestão escolar, ritmo cênico, composição no espaço, criação em *site specific*, receptividade da cena, produção cultural, memória e narrativa e narrativas do corpo compositor. Todos estes objetos de pesquisa perpassaram e contribuíram para a idealização, planejamento, abordagem e decisão pelos temas deste trabalho. No grupo realizávamos imersões, ensaios, experimentações, apresentações e oficinas que corroboram com o trabalho realizado, todas estas atividades eram precedidas de um longo relaxamento adaptado a esta oficina para o aprofundamento da imersão dos presentes, maior concentração, descontração e suscetibilidade às proposições que viriam a seguir. O relaxamento também contava com adaptações de Aretha Lima e Hosanan Conceição, práticas experienciadas por eles em seus respectivos grupos de estudos, Aretha Lima no *EcoLab* com o professor Adilson Siqueira, e Hosanan com o grupo *Entre&Vista*, resultando em uma

abordagem mais diversa e propensa a atravessar todos os presentes de forma uníssona e estimulante. Os comandos voltavam-se à autoconsciência, foco, escuta ativa, ativa e propositiva, atenção ao espaço e suas intervenções, espaçamento e regulação da respiração do seu ritmo e frequência, distensionamento muscular e criativo, suscetibilidade aos atravessamentos e interações e por último e importantíssimo a harmonização do grupo para que todos sintonizem-se em semelhante espaço-tempo-ritmo respeitando e acolhendo todos eles, afetando e permitindo afetar-se.

### **IMERSÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO: O EXERCÍCIO DA ESPONTANEIDADE NO AQUI E NO AGORA**

A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa. Tanto a "pessoa média" quanto a "talentosa" podem ser ensinadas a atuar no palco quando o processo de ensino é orientado no sentido de tornar as técnicas teatrais tão intuitivas que sejam apropriadas pelo aluno. É necessário um caminho para adquirir o conhecimento intuitivo. Ele requer um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experienciar e uma atividade que faça a espontaneidade acontecer. (SPOLIN, 2001, p. 4).

Após o relaxamento inicial relatado, observamos crescente energia e propensão dos alunos a submeterem-se aos comandos dados, eles se encontravam mais curiosos, receptivos e em comunhão. A grama em seus pés descalços e a exploração livre do espaço ensolarado tornou primeiramente mais curiosas as crianças, mais propensas e interessadas nos comandos, em uma ação cascata, divertindo e entusiasmando os mais velhos naturalmente mais travados e tímidos. Pontua-se também a maior espontaneidade e descontração dos menores, mais suscetíveis e menos envergonhados a executar de forma errônea as proposições, também possuíam maior desfaçatez na hora de esclarecer dúvidas, gerando inclusive momentos de descontração e risadas do grupo, promovendo um espaço mais amistoso, orgânico, suscetível a intuições e interpretações equivocadas sem espaço para correção, mas sim um reformulamento dos comandos para que nós também enquanto instrutores estejamos cientes de que nem sempre nos fazemos claros, de fácil compreensão, em seu livro Viola ainda pontua nossos vícios de linguagem, que podem submeter o aluno a dinâmicas autoritárias ou de *aprovação/reprovação*:

A linguagem e as atitudes do autoritarismo devem ser constantemente combatidas quando desejamos que a personalidade total emergja como unidade de trabalho. Todas as palavras que fecham portas, que têm implicações ou conteúdo emocional, atacam a personalidade do aluno-ator ou mantêm o aluno totalmente dependente do julgamento do professor, devem ser evitadas. Uma vez que muitos de nós fomos educados pelo método da aprovação/desaprovação, é necessário uma constante auto-observação por parte do professor-diretor para erradicar de si mesmo qualquer manifestação desse tipo, de maneira que não entre na relação professor-aluno. (SPOLIN, 2001, p. 07).

Para que enquanto educadores permaneçamos cientes da nossa luta por uma educação libertadora e também de nossa propensão ao erro, dado o sistema e contexto a que estamos submetidos. Nosso esforço foi constante para contrapor a perpetuação de dinâmicas autoritárias e educar-nos quanto ao uso equivocado de palavras e a má impostação da voz fazendo-a inaudível. Quando percebidas equivocadas interpretações, refazíamos o comando, ou se observado o equívoco generalizado e sem prejuízo processual, continuávamos a atividade conscientemente sem ruídos ou quebra, adaptando-as ao novo formato e experimentação.

Nossa oficina, dado o contexto inserido e o curto tempo disponível, não se voltou ao fazer profissional de teatro e sim às suas possibilidades sensoriais, criativas, de lazer e recreação, todos os presentes encontravam-se submetidos ao isolamento e suas sequelas, todos precisavam conversar e serem ouvidos, tomar sol e terem sua cognição estimulada, sair da frente de telas e suas plataformas, considerando o EAD em vigor. Em conformidade com o contexto e uso correto das máscaras protetoras optamos por iniciar jogando *blablação*:

Peça para os alunos virarem-se em direção àqueles que estão sentados a seu lado, e manterem uma conversação, como se estivessem falando uma língua desconhecida. Eles devem conversar como se estivessem compreendendo perfeitamente o sentido. Mantenha a conversação em andamento, até que todos tenham participado. Solicite o uso de sons diferentes, exagero de movimentos com a boca, e variações tonais. Reúna aqueles que usam apenas um som monótono dadeeeedaa, com pouco movimento dos lábios, com aqueles que verbalizam mais facilmente. Peça para aqueles alunos que verbalizam com maior facilidade em blablação induzirem os outros a realizar ações simples, que podem ser facilmente comunicadas - abrir uma janela, cumprimentar-se, abrir um livro. Apesar de o grupo ter superado o medo inicial e participar da atividade, sempre haverá um ou dois jogadores a tal ponto presos ao discurso que ficarão paralisados, física e vocalmente. (SPOLIN, 2001 , p. 109)

Optamos por este jogo dado seu caráter pouco rígido, bem-humorado e sua baixa exigência de comandos permitindo-os jogar mais livremente, sem nenhum padrão para comparação ou possibilidades de erro. Permitindo também evidenciar o contexto vivido, conversar sobre o grupo *Entre&Vista*, sobre nós, a respeito dos colegas jogadores, o dia-a-dia



na crise, o acompanhamento escolar e a relação que possuíam com a escola. O jogo criou maior interação e familiaridade entre eles, durante as conversas e alternância entre o português e a *blablação*, os menores vocalizavam e intuíaam com menor dificuldade mesmo mascarados, conseguiam contemporizar sobre seu dia-a-dia, sua família, faziam expressões, movimentos, eram espontâneos, lúdicos. Os adultos calculavam, postergavam, começavam e paravam devido à timidez e auto exigência por acertos ou a melhor forma para realizar a *blablação*, entretanto com a interação, leveza e entrega dos mais novos o contágio foi inevitável, comprometendo todo o grupo com o jogo e estórias construídas.

Blablação força o jogador a mostrar e não contar. Pelo fato de os sons serem inexpressivos, o jogador não tem como simular o significado. Ao fisicalizar o modo, o problema, a relação e o personagem tornam-se orgânicos. A tensão corporal é libertada, pois os jogadores precisam ouvir e observar com rigor se quiserem entender um ao outro. (SPOLIN, 2008, p. 180)

Toda a tensão causada pelo isolamento e o ensino EAD foi combustível e objeto de pesquisa e atenção na oficina, a falta de contato com o outro, as novas medidas sanitárias e todo o estilo de vida no qual estávamos inseridos e adaptando-nos, serviu de ponto inicial, o que improvisar partindo deste contexto, o que sinto falta na relação com o outro, como atravessarei a experimentação alheia, o cuidado com o outro, reflexões que se encontravam já presentes em nossa rotina pandêmica. Permanecendo na linha de raciocínio iniciada seguimos com o jogo *espelho com som* ampliando o espaço voltado à expressão, alívio cômico, interação e improvisação. Neste jogo os participantes concentraram-se em:

Comunicar-se oralmente, mas não verbalmente.

Foco: Em espelhar os sons do parceiro.

Descrição: Duplas. Os jogadores sentam um de frente para o outro. Um jogador é o iniciador e emite sons. O outro jogador é o espelho e reflete os sons. Quando “Troca!” é anunciado, os papéis são invertidos. Aquele que refletia torna-se o iniciador e este se torna o espelho que reflete os sons do novo iniciador. Trocas constantes devem ser feitas sem pausa para não interromper a fluência do som. (SPOLIN, 2008, p. 187)

Para vestir-nos do outro e de suas investigações, o consideramos válido pelo estímulo da curiosidade a respeito do outro, suas semelhanças e diferenças, descobrir suas potencialidades e limitações, harmonizar o tempo-ritmo e experimentar um espaço do outro, permitir que se atravessem, visualizem a diversidade lúdica, sonora e imagética presentes e possíveis, se façam e sintam-se ouvidos, vistos e também se divirtam jogando e se equivocando nos espelhamentos. Durante as atividades concentramo-nos também em educá-los quanto ao

uso da voz, sua impostação, não desgaste, a efetividade das palavras, brincar com a mesma e principalmente sua não presença, evidenciando-a com efeitos sonoros corporais para além da boca e cordas vocais. Jogando com mãos, pés, barriga, braço, nossas roupas, muita repetição e visualização dos movimentos, investigamos e corroboramos as potencialidades do mesmo para o desenvolvimento intuitivo da comunicação, memorização e expressividade; quando se estabelecia um ritmo, a memorização era facilitada, inerentemente contagiante, como se os movimentos se convertessem em músicas ou partituras, possuindo estrutura, formas físicas, repertório e ritmo.

Com uma pequena pausa para ouvir o retorno dos *players*, os convidamos a imaginar jogando em família, com os amigos, como imaginavam abordá-los para tal, se já realizaram jogos semelhantes, já assistiram na tv ou na internet, se eles seriam efetivos se acompanhados à distância, como acompanhariam e qual seria a tecnologia e produção necessária. Em seguida cientes dessas indagações iniciamos o terceiro exercício:

#### Orquestração:

Quatro ou mais jogadores. Cada jogador decide quais instrumentos musicais ele vai assumir. Os jogadores estabelecem Onde, Quem e O Quê, dentro dos quais possam ser os instrumentos. Os atores não devem transformar-se literalmente nos instrumentos, como acontece na Imaginação, mas devem "atuar" como se tivessem assumido as qualidades de seus instrumentos. Isto pode ser feito por meio da qualidade de voz, movimento corporal etc. Em diversos momentos, durante a cena, o professor-diretor deve dar a instrução "façam a orquestra!" Todos os atores devem então "tocar" juntos. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: assumir as qualidades de um instrumento musical e tocar, como parte da "orquestra". EXEMPLO: um coquetel onde diversos "instrumentos" podem tocar em harmonia uns com os outros. PONTO DE OBSERVAÇÃO Como variação interessante, peça ao grupo para escolher um "regente". No exemplo precedente, ele poderia ser o anfitrião. Durante o desenvolvimento da cena, ele deve fazer com que os "instrumentos" (convidados) toquem juntos, em duetos, solos ou na orquestra completa. Isto dá ao ator que está sendo o anfitrião a visão de diretor, ao mesmo tempo em que está trabalhando dentro da cena. O exercício constitui uma utilização avançada de uma técnica semelhante usada com crianças pequenas, para motivá-las dentro de uma cena. (SPOLIN, 2001, p. 198)

Escolhemos esse exercício para estimular a construção em grupo, a colaboração entre eles, aprimorar a percepção sonora e de tempo, investigar possibilidades de composição, desenvolvimento de partituras mais complexas, atenção ao regente, atentar-se a respeitar o tempo-ritmo, espaço e investigação do colega e também para que se divirtam em coletivo, distanciem-se simbolicamente do isolamento e de toda a crise e preparem-se para o retorno à educação presencial e convivência novamente em sala de aula com uma nova realidade posta e

procedimentos a se seguir depois de uma modalidade totalmente nova ter sido constituída e experimentada.

Com todas as reflexões que já tínhamos solicitados que fizessem, iniciamos a roda de conversa e avaliação do primeiro dia, investigamos quais sons eles gostaram mais, quais movimentos, quais repetiriam, quem iria jogar com os amigos, quem conseguiria gravar os jogos acontecendo ou já conhecia algum gravado para apresentar ao grupo no encontro seguinte, quais foram as partes mais difíceis, se nossa comunicação foi efetiva, o que esperavam do próximo encontro e se tiveram dificuldade em seguir os protocolos de segurança sanitária enquanto jogavam. A seguir para finalizar já com o livro *Improvisação para o teatro* disponibilizado no grupo do *Whatsapp*, propusemos que cada um trouxesse um jogo do livro para os próximos encontros, ou outro de que eles tivessem conhecimento pleno das regras, propusemos também para que em casa jogassem:

Ouvindo o ambiente

Objetivo: Desenvolver e apreciar o sentido da audição. Foco: Em ouvir o maior número de sons possível no ambiente imediato. Descrição: O grupo todo permanece sentado, silenciosamente, de olhos fechados, por um minuto ou mais, ouvindo os sons do ambiente imediato. Os jogadores prestam atenção nos diferentes sons que há no ambiente. (SPOLIN, 2008, p. 108)

E para os que vivenciaram a modalidade EAD que respondessem dez perguntas em uma folha para conversarmos sobre nos próximos encontros:

1. Qual o ano letivo e o turno em que estudavam? Pública ou particular?
2. Como estavam acompanhando as aulas e qual a mais divertida delas?
3. O que eles faziam e tinham na escola que mais sentem falta?
4. Quantos colegas tem em sala e quantos são seus amigos?
5. Quais as maiores dificuldades que tiveram na EAD que nunca tiveram na escola?
6. Se eles possuíam e assistiam às aulas com microfone e câmera ligados?
7. Quem possuía, gostava e o que gostava na televisão?
8. Quem possuía, gostava e o que gostava nas plataformas da internet?
9. Suas brincadeiras ou jogos não eletrônicos favoritos para compartilhar com o grupo?
10. Como esperam que será o retorno à escola com todos os novos protocolos sanitários para serem seguidos?

Executamos ao fim do primeiro encontro, 15/08, um último e rápido relaxamento e respiração coletiva primando pelo bem-estar e esclarecimento de quaisquer dúvidas sobre as atividades

realizadas e as duas propostas feitas para o segundo encontro e com um convite para que conhecessem os livros disponibilizados no grupo.

## **ESTIMULANDO À DISTÂNCIA A ESPONTANEIDADE: UM CONVITE A INTUIR, TROCAR E COLABORAR**

Sexta feira, quinze horas iniciou-se a preparação física e concentração para aguardar a chegada de todos os colegas, andando pela grama descalços, quem podia, propúnhamos alternâncias no ritmo da respiração e caminhada e que durante o exercício investigassem as partes mais tensas do corpo, para que devagar direcionassem todo esse ar até estas partes, tocando-as e as movendo se necessário, com a chegada de todos pudemos nos deitar e iniciar o relaxamento.

Estabelecida a calma, concentração, comunhão, um espaço-tempo-ritmo semelhante, clima amistoso, curioso, conexão entre regentes e participantes, nos inteiramos dos jogos escolhidos por eles e da proposta de jogo para casa. Quais sons ouviram, onde ficaram para se concentrar, que horas jogaram, com quem jogaram, e dando sequência no encontro passado propusemos a repetição do jogo *Orquestração* e *Blablação*, agora com os novos sons ouvidos, novas possibilidades de ritmos, partituras e experimentações, quais seriam as diferenças ao jogar com uma audição mais educada e já tendo jogado uma vez. Nosso objetivo nessa segunda experimentação foi perceber o que pôde ser assimilado do primeiro encontro, como eles jogariam com a espontaneidade nesse segundo encontro a partir da introdução passada, se tratariam com mais leveza e liberdade sua intuição e ludicidade e se nos jogos propostos por eles em seguida se sentiriam mais à vontade para ousar e descobrir outras maneiras de jogar, de experimentar, se espelhariam o colega, se inspirariam, qual a influência dos mais velhos sobre os mais novos quanto à qualidade das experimentações, se ela existe ou se dá surpreendentemente de maneira oposta, com os mais jovens os pressionando a serem mais auto exigentes.

O primeiro jogo escolhido em casa pelos participantes para dar sequência após a repetição dos anteriores foi: *Cabo de Guerra*. “Os jogadores devem jogar cabo-de-guerra com uma corda imaginária. A corda é o objeto entre eles. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: dar realidade à corda invisível. INSTRUÇÃO : Sinta a corda! Sinta sua textura! Sua grossura! Torne-a real!” (SPOLIN, 2001, p. 56). Escolha excelente para explorar a conexão e comunhão entre eles, o quanto estão atentos ao outro, dispostos a colaborar, trocar, se se valeriam do exercício de espelhamento para percepção do tempo-ritmo e da movimentação imagética

exigida para o estabelecimento e existência de uma corda real, e não simples fingimento. Também nos valem do relaxamento inicial para cobrar atenção à respiração, aos músculos necessários no movimento e ao direcionamento correto do ar para eles. Permitimos a introdução gradual da corda, que brincassem primeiro com ela, a visualizassem, compartilhassem com os colegas, decidissem sua espessura e peso, qual o material de sua composição, como dividiriam-se, como a segurariam e começamos. Estabelecer inicialmente a corda foi extremamente desafiador, dado as diferenças de peso de cada um, de altura, o tamanho das mãos, dos pés, dos braços e pernas, a distância que ficava entre um e outro e como seguravam a corda.

Na sequência o jogo que propuseram foi:

O que estou vendo? ou Vendo um esporte  
Dois times. Jogadores divididos pela contagem de dois (um para cada time). Este é o primeiro time formado aleatoriamente e é muito importante. Pelo acordo grupal, o time decide que esporte irá assistir. Quando chegar ao acordo, o time vai para o palco. Os próprios jogadores devem avisar: "pronto!" quando estiverem prontos. PUNTO DE CONCENTRAÇÃO : em ver. INSTRUÇÃO: Veja com os pés! Veja com o pescoço!. Veja com o corpo todo! Veja como se fosse 100 vezes maior! Mostre, não conte! Veja com os ouvidos! Use o corpo todo para mostrar o que você está vendo! (SPOLIN, 2001, p. 49).

A partir dos jogos anteriores, dos *players* se valendo da espontaneidade e ludicidade exercitadas, neste observamos o que por eles seria aproveitado e mais uma vez experimentado. Contextualizando-os sobre o papel desempenhado pela corda e o estabelecimento da mesma como ponto de concentração ( POC) que deles exigia dedicação e comprometimento para observá-lo, tocá-lo, fisicalizá-lo e mostrá-lo aos demais, propusemos que neste eles se esforçassem para não gesticular ou representar, e sim para que rememorando suas dificuldades e curiosidades anteriores, pudessem intuir e trocar com mais organicidade, sem forçar um jogo de adivinhação, de símbolos, mas para o treinamento do olhar, da autoconsciência, desenvolvimento de percepção de espaço, de tamanho e peso, compartilhar com os colegas quais jogos se interessam, estabelecer identificação, a partir do espelhamento ou exemplo, servindo para apresentar uns aos outros novo vocabulário gestual, de partituras, de movimentos, despertando uns nos outros curiosidades, inspiração, autoconfiança para brincar com o desconhecido, mergulhar nele sem tempo para comparações desmotivadoras, e ainda possam descobrir novas resoluções de problemas partindo de antes desconhecidas perspectivas, mas com o contato com os novos colegas tornaram-se uma alternativa viável.

As maiores dificuldades deste jogo foram definir o que seria assistido em grupo, estabelecer a distância pré-definida, definir onde estavam, se era TV ou presencial, não emitir som, não repetir o óbvio, não imitar, cooperar com o colega, dispersar os movimentos para além

de face, braços e mãos, não comicizar e não interagir com os de fora, principalmente aos sons dos comandos. Após a introdução dos jogos e teorização sobre nossos objetivos, quanto à iniciativa onde deveriam concentrar seus esforços e observar com atenção, propusemos que jogassem sem nossos comandos, que eles intercalassem a função entre eles na execução, para que pudéssemos trocar pontos de vistas sobre os atravessamentos vividos e satisfação pessoal quanto a própria execução, o que gostariam de mais uma vez experimentar, como seria essa nova execução, da execução dos colegas o que chamou-lhes atenção e não imaginavam que poderia ser abordado daquela maneira, se visualizaram ou não o POC o que os surpreendeu positivamente e negativamente. Realizados mais dois jogos que escolheram em casa, iniciamos o encerramento com uma rápida avaliação dos jogos aplicados, em seguida os relembramos das propostas para casa, iniciamos um último relaxamento para “*elevantos espíritos e revigorar os jogadores*” e também um café da tarde oferecido pelo grupo *Entre&Vista*.

No sábado seguinte, 21/08, nosso encontro foi mais curto e à distância, realizamos o relaxamento inicial e em seguida propusemos que três dos presentes lessem suas atividades para casa para conversamos sobre, contextualizando com as experiências sensoriais que tivemos nos dois dias anteriores, eles puderam se imaginar jogando na escola, e à distância através das plataformas ou TVs, pedimos que de forma lúdica, intuitiva e informal, eles refletissem a respeito das nossas indagações, do retorno às aulas, da necessária adaptação aos protocolos sanitários, partindo agora dessa nova perspectiva vivida na oficina, e da nova modalidade experimentada à distância para que pudéssemos ouvir essas reflexões, expectativas e conhecer melhor a realidade de cada um deles, inclusive dos ausentes. Após a discussão salientamos sobre a necessidade de que repitam o jogo *Ouvindo o ambiente* em casa pelo menos uma vez a cada dois dias até o próximo encontro para que desenvolvam audição e concentração, aos que tinham mais tempo e companhia propusemos que repetissem os outros também de acordo com suas preferências. Na sequência para encerrar jogamos:

Jogo da Bandeja:

Coloca-se uma dúzia ou mais de objetos sobre uma bandeja, depositada no centro do círculo de jogadores. Após dez ou quinze segundos, a bandeja é coberta ou retirada. Os jogadores escrevem individualmente a lista dos objetos que conseguem lembrar. As listas são comparadas com a bandeja de objetos. (SPOLIN, 2001, p. 57 ).

Consideramos esse exercício válido para ser realizado à distância já que os *players* precisavam apenas observar o vídeo e estimular a memória, sem ficarem extremamente reféns

da velocidade da internet ou do funcionamento do áudio. Para também realizarem em casa até o encontro seguinte além do já proposto, iniciamos o:

Sentindo o eu com o eu:

O grupo todo permanece na platéia. Começando com as solas dos pés, eles devem sentir o que está em contato com os seus corpos em cada ponto. Os pés sentem as meias, os sapatos o chão, as pernas sentem as calças ou os vestidos; os quadris sentem a cinta; o dedo sente o anel; os dentes sentem a língua etc. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: em sentir o eu com o eu. INSTRUÇÃO: Sinta tudo o que está em contato com o corpo! Sinta seus pés dentro dos sapatos, suas pernas dentro das calças! Sinta a atmosfera à sua volta! Sinta o espaço! (SPOLIN, 2001, p. 51).

Consideramos esse exercício válido para compor junto ao *Ouvindo o ambiente*, fazendo com que mesmo que por pouco tempo e sem comandos pudessem contemplar o ambiente e a própria companhia, pausar o dia-a-dia monótono, sem a necessidade de supervisão ou ferramentas. Na sequência encerramos o terceiro encontro com um rápido relaxamento, respiração conjunta, propondo que repetissem *Ouvindo o ambiente* e aos que não leram suas respostas que refletissem uma vez mais sobre elas, agora relacionando com o que já conversamos em grupo e jogamos para que voltássemos à discussão no segundo encontro à distância. Apenas dois alunos faltaram ao encontro à distância, entretanto não por falta de condições, somente por não se encontrarem em casa livres.

No quarto encontro, dia 05/09, após o aquecimento e relaxamento inicial, retomamos a partir dos jogos para casa a *Orquestração*, pedimos que experimentassem encontrar o estado de contemplação que vivenciaram enquanto ouviam e sentiam em suas casas, que sem imitá-los, mas os sentindo uma vez mais, rememorando as reverberações que causaram em seus ouvidos e corpos fisicalizassem essas sensações, que pudéssemos junto a eles também ouvir e sentir o mesmo. Prolongamos os jogos para que não se apressassem ou dramatizassem, mas sim de fato experimentassem aquele estado uma vez mais, agora com supervisão e direcionamentos; que partindo do que sentiram e ouviram, compusessem com o que naquele momento e espaço estavam sentindo e ouvindo. Os dois jogos contaram com satisfatória entrega, imersão e densidade imagética. Era perceptível e tateável a energia despendida pelo espaço, a interferência externa e o espelhamento foram fatores irrelevantes nos dois jogos, os *players* dado o encerramento do semestre escolar e o isolamento, estavam mais que dispostos a trabalhar e produzir em grupo, a convivência se fazia necessária, escutar e sentir em grupo fazia falta aos presentes, inclusive aos propositores, nos encontrávamos exaustos de ouvir e sentir através de telas e eletrônicos, então esses dois jogos permitiram-nos criar simbólico distanciamento

momentâneo do contexto de crise. Dando continuidade retomamos o jogo *O que estou vendo? ou Vendo um esporte* para que do estado corporal e sensorial em que se encontravam, o jogassem de uma nova perspectiva, com as novas experiências e imersões vividas. Agora com duas equipes sorteadas ao acaso através de contagem, para que após a segunda vez jogando, pudéssemos ter dois pontos de vista sobre o jogo e uma discussão distinta da primeira onde os primeiros a se manifestar foram os iniciadores, conseqüentemente gerando notável discrepância entre a primeira abordagem e a segunda onde se concentram os mais tímidos e menos dispostos a liderar ou se destacar do grupo. Nessa segunda vez jogando foi de fácil visualização perceber o que *Viola* diz quanto aos catalisadores naturais, papel que alunos mais espontâneos e “exibidos” desempenham em alguns momentos que prescindem de iniciativa podendo dominar a cena, instruindo para limitar esse domínio, a capacidade que possuem para elevar a energia dos colegas e os auxiliarem no desenvolvimento de habilidades de liderança é indispensável. Avaliada e discutida estas segundas partidas, voltamos a jogar o que eles escolheram em acordo com o planejamento proposto no livro.

#### Jogo da bola

Primeiro o grupo decide sobre o tamanho da bola e, depois, os membros jogam a bola de um para o outro no palco. Uma vez começado o jogo, o professor-diretor dirá que a bola terá vários pesos. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: no peso e tamanho da bola. (SPOLIN, 2001, p.57)

Todos os presentes já jogaram bola, nas mais variadas atividades, os questioneei se alguma vez utilizaram alguma invisível que alterava seu tamanho, mas ninguém se manifestou positivamente, então constatei que não. A diversidade imagética que a bola simboliza no imaginário brasileiro é de grande valia e neste jogo por nós seria muito explorada. A partir deste jogo observamos como eles reagiram com as propostas dos colegas, se respeitaram o tamanho e peso proposto pelo outro, como se deram as alterações deles, qual a qualidade das propostas e da fisicalização, qualidade entende-se como características e não avaliação estética de melhor ou pior. Lidar com um objeto conhecido com o qual possuíam familiaridade foi importante para que se sentissem mais livres, entrosados e encorajados a propor e a ceder, a de fato se divertir com os colegas e a ajustável bola invisível. Na sequência, dos jogos escolhidos por eles, selecionamos:

#### Cego básico

Grupos de dois ou mais. Material necessário: vendas, grande abundância de adereços e peças de cenário reais, e um telefone. Depois de preparar o Onde, Quem e O Quê, deve-se vendar os olhos dos membros do grupo. Eles devem inventar um O Quê no qual muitas coisas sejam passadas de uma pessoa para



outra - pessoas tomando chá, por exemplo. A cena deve ser realizada com adereços e peças de cenário reais. Não podem ser usadas cenas onde esteja implícito o "não-ver" (como, por exemplo, personagens cegos em uma sala escura). PONTO DE CONCENTRAÇÃO: os atores, com os olhos vendados, devem movimentar-se em cena como se pudessem ver. INSTRUÇÕES: Justifique este agrupamento! Prossiga nesta ação! Encontre a cadeira que você estava procurando! Pendure seu chapéu! Seja ousado! (SPOLIN, 2001, p. 154).

O espaço era grande, o número de jogadores limitado e a quantidade de instrutores mais que suficiente, então foi possível fazer com que se sentissem seguros no local, protegidos e sempre alertas quanto aos cuidados sanitários necessários para permanecerem sadios e para não se tocarem bruscamente. Prolongamos o jogo o tempo necessário para que experimentassem livremente mas também não tão longo a ponto de fazê-los perder o interesse e foco. Para finalizar realizamos as avaliações pessoais e discussão, em seguida os lembrei de jogar em casa mais vezes *Sentindo o eu com o eu* e *Ouvindo o ambiente*, lembrei-os também de reler e se necessário refazer as perguntas propostas para casa no primeiro encontro, se pudessem que relacionassem com o que já havíamos jogado e experimentado, que citassem quais foram os protocolos sanitários que seguimos, quais eles seguiam em casa, quais lhe causaram mais incômodo e de quais eles mais se esquecem, para discutirmos no encontro à distância que viria a seguir, também propusemos que para o último encontro convidassem familiares e amigos, no máximo três cada um para nos assistir jogando *Tela de Tv* e *Tela de sombra*. Finalizados os lembretes, avaliação e discussão, realizamos o relaxamento para encerramento e tomamos o café da tarde oferecido pelo *Entre&Vista*.

Dia 19/09, novamente à distância, devido a indisponibilidade ou de algum instrutor ou de algum aluno e a falta de convergência nas agendas, nos encontramos pelo *Meet* com a mesma duração de uma hora e meia do anterior, para uma vez mais imergir e rememorar a experiência vivenciada durante a crise sanitária, enfatizando que todos possuam acesso a internet e conseguiram acompanhar as aulas. Para iniciar, um rápido relaxamento e aquecimento vocal, em seguida propusemos que todos os presentes, exceto os que já haviam lido no último, lessem suas respostas, apresentassem suas dúvidas, pontos de vistas e realidades individuais para na sequência discutirmos e relacionarmos com o que foi experimentado na oficina, como eles perceberam os protocolos, quais seriam as diferenças na oficina se não houvesse tais preocupações, como durante os jogos eles cuidavam tanto de seguir os protocolos quanto usufruir do trabalho em equipe, os lugares específicos que deviam evitar como olhos, mãos e máscaras, se a partir dos jogos eles passaram a valorizar/entender a importância da atuação em comunidade, em sintonia no sentido mais amplo, relacionar os protocolos sanitários com nossos

sistemas de regras dos jogos, como ambos precisavam do foco e dedicação de todos os envolvidos para sua implementação e efetividade. Deixamos que se prolongassem na discussão, supervisionando para que todos discutissem de maneira confortável, sem a predominância de uma voz ou atropelamentos, lembrando das diferentes faixas etárias envolvidas. Para finalizar, os lembretes rotineiros para que em casa continuem jogando *Ouvindo o ambiente* e *Sentindo o eu com o eu* e também outros jogos que preferissem com amigos e familiares disponíveis e em seguida o relaxamento final.

O último encontro foi realizado em mais um domingo, dia 03/10, presencialmente, prolongando-se pouco mais que os anteriores, e com a presença de alguns convidados. Com o mesmo relaxamento e aquecimento costumeiro iniciamos, para que regulassem a energia e ficassem mais calmos e focados. Aos convidados, lembrando do distanciamento e protocolos sanitários exigidos, propusemos que conhecessem o espaço, os equipamentos, a história do grupo, o acervo de figurinos, para que os jogadores não se concentrassem em arrancar risadas da plateia nem se intimidassem por ela. Jogamos para começar:

Exercício de sussurrar-gritar

Dois ou mais jogadores. Estabelecem Onde, Quem e O Quê. Os atores realizam a mesma cena três vezes. Na primeira vez, sussurram; na segunda vez, gritam e, na terceira, falam com voz normal. Pode-se fazer uma variação, pedindo ao grupo para escolher um ambiente onde sussurrar, gritar e pronúncia normal possam ser integrados na mesma cena. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: garganta relaxada. (SPOLIN, 2001, p. 177).

Seguiu-se com:

Usando objetos para desenvolver cenas A

Um jogador. Este exercício deve ajudar o aluno-autor a aumentar sua consciência do objeto mais simples - um ponto de partida para desenvolver cenas. Constitui um passo inicial para excursões ao intuitivo. O ator está sentado no palco. O professor-diretor sussurra o nome de um objeto. Deve permanecer sentado calmamente, até que a concentração no objeto o movimente. O professor-diretor pode escolher entre categorias como: vegetação (crescimento), carteira, lareira, janela, portas, luz, um lugar para sentar-se, caixa (recipiente), arma. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: no objeto, que movimenta o ator. (SPOLIN, 2001, p. 191).

O tempo encurtado limitou a realização destes exercícios ao último encontro somente, entretanto era valoroso e importante que os jogássemos antes dos dois últimos de toda a oficina, pois estes o estimulariam a expandir seu vocabulário corporal e conhecer novas partituras para experimentação, jogamos estes para que eles ficassem mais à vontade e livres com suas intuições e *insights*. Consideramos esses exercícios válidos também para iniciar porque os *players* já poderiam experimentar e se valer de todo o acervo mantido pelo *Entre&Vista* e assim se familiarizar com eles para a realização dos dois últimos. Na sequência retomamos

rapidamente *Blablação* e *Orquestração*, com o objetivo de estabelecerem harmonia, sentimento de grupo, elevar a energia, dissolver a preguiça e promover interesse no que estavam fazendo e nos dois jogos que viriam a seguir.

Tela de Televisão

Objetivo: Para a plateia - introduzir alunos às convenções da televisão.

Foco: Para os jogadores - na agilidade na troca de personagens, figurinos e conteúdo.

Tela de Sombra

Objetivo: Explorar aquilo que pode ser comunicado apenas por meio da ação física (gesto).

Foco: Em trabalhar com as limitações impostas pela tela. (SPOLIN, 2008, p. 210 e 211).

Consideramos esses exercícios valiosos para finalizar toda a oficina, dado a necessidade que crianças e jovens possuem de aprovação e interação. Então eles seriam assistidos por quem gostam, se divertiriam, teriam um trabalho para apresentar, serem avaliados não só por nós ou de forma pedagógica, mas também de um lugar afetivo e sensível, obter satisfação pessoal e para comentarem com sua família ou amigos que não puderam participar. Vale-se ressaltar que entre os convidados predominaram amigos jovens, isso foi bom para que nenhum deles se sentisse excluído ou desamparado ou exposto. Como a cidade é pequena todos possuíam certa familiaridade. Ressalta-se também o convite para que nossa oficina tivesse mais capilaridade, fosse mais acessível, aqueles que não puderam participar dela em sua completude, por variados motivos, entre eles o medo de deixar o isolamento por causa de parentes mais velhos ou vulneráveis, ao menos assistissem ao resultado, e, quem sabe, se interessassem pelos jogos, pelo grupo local, para uma futura experimentação fora de uma crise sanitária, em outro contexto, de forma mais relaxada, quem sabe na internet, sem tantos protocolos, ou riscos e partindo de uma experiência afetiva que tiveram naquela tarde e decidiram repetir.

A presença dos convidados obviamente inibiu um pouco os jogadores no começo, mas foi de grande valia para gerar tensão na cena, e exigir deles maior comprometimento, quase como se fossem os instrutores, para que participassem, jogando agora de uma perspectiva pedagogizante, lembrando sempre dos nossos, “focos”, “objetivo”, “notas”, nossas instruções, e, a partir dessa memória, mostrá-las para a plateia, fisicalizá-las, se ancorar nelas e não em nossa aprovação ou desaprovação, serviu para que de forma livre e desinibida eles próprios durante a execução, motivados pela ação lúdica e espontaneidade, corporificassem todas as instruções que memorizaram e exercitaram, transpusessem todo aquele repertório comum de experiências e terminologias para o jogo e a plateia, favorecendo que os mesmos as assimilem de acordo com as próprias estruturas individuais, sentindo-se assim mais responsáveis e auto

disciplinados. Cuidamos para que tanto a plateia quanto os jogadores se lembrassem sempre do distanciamento e do uso do álcool e para que a plateia se mantivesse contida para não interferir demasiadamente no jogo.

Para finalizar, fizemos um círculo para que primeiro os participantes frequentes avaliassem objetivamente seus jogos, seu foco, sua investigação, a criação lúdica coletiva, o jogo socializado, de onde surgiram as próprias ações, enquanto os questionava despreziosamente para fazer nossa própria avaliação individual e do coletivo. Na sequência para avaliarmos a efetividade dos jogos e dos encontros questionamos os convidados para escutar o que eles conseguiram ver e assimilar dos jogos assistidos, o que os jogadores conseguiram fisicalizar, corporificar melhor qualitativamente, que até eles em apenas um encontro conseguiram visualizar, para que enquanto instrutores nos tornemos mais responsáveis e conscientes pelo conteúdo assimilado, qual nossa efetividade e quais os aprimoramentos, novas investigações que precisamos experimentar para tal, para amadurecer nossa linguagem, vocabulário, terminologias para análise e capacidade de promover um espaço livre, seguro, convidativo e sem papéis tradicionais aluno/professor, aprovação/desaprovação.

## CONCLUSÃO

Finalizada a oficina, em acordo com o que decidi e consegui materializar, colocar em perspectiva, experimentar, observar, discorrer sobre e ponderar, concluir que o aproveitamento do ensino regular e presencial é indiscutivelmente mais efetivo, potente, o atravessamento do outro pelo toque e o olhar do instrutor são incomparáveis com o que o ensino à distância possibilita e pode promover, entretanto essas possibilidades ofertadas por rádios, tvs e de forma ainda prematura a internet, devem ser exploradas, experimentadas e democratizadas para todos, espaços de discussão e convivência são um direito garantido por lei a cada cidadão, principalmente a crianças e jovens, e dado o contexto pandêmico em que estavam inseridos junto a seus familiares e comunidade, deveriam ter sido alcançados por estes aparatos estatais, como a EBC e as assistências sociais. Em seu livro, KOUDELA relata sua experiência com fomento estatal.

A primeira vez em que trabalhamos com um grupo de crianças e adolescentes, utilizando Jogos Teatrais, foi em 1978, através de um projeto, subvencionado pelo Serviço Nacional de Teatro, para teatro experimental. Foram formados dois grupos, um de crianças de 9 a 12 anos, e outros de adolescentes de 12 a 15 anos, por meio da divulgação de um curso realizado no Teatro Studio São Pedro, mediante contrato de cessão pela Comissão Estadual de Teatro.

(KOUDELA, 1984, p.68).

A mesma relata também seu trabalho amparado e popularizado pelos grupos de mídia tradicionais,

Os Grupos de crianças e adolescentes foram formados a partir de anúncios publicados nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Folha de S. Paulo*. A Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia patrocinou o projeto. O curso foi também divulgado pela Rede Globo de Televisão, no programa *Globinho*, nos dias 14 e 15 de setembro de 1978. Não houve outro critério de seleção, senão o limite de faixa etária (de 9 a 15 anos). Foram constituídos dois grupos...

Quantas novas possibilidades como essa que realizei, como a que KOUDELA realizou, não poderiam ser coordenadas e popularizadas durante a crise sanitária e continuadas após, com respaldo, fomento, coordenação e reconhecimento dos órgãos responsáveis. Oficinas como essas seriam complementares ao ensino formal. De forma interdisciplinar e provocativa elas estimulariam a memorização de conteúdos iniciados em sala de aula e os tornariam mais familiares aos participantes. De forma coordenada, responsável e supervisionada diversos outros alunos/estagiários poderiam ter ocupado espaços informais cedidos e não cumpridores de seu papel social, para capilarizar e popularizar jogos teatrais como estes, a discussão deles, o estímulo à autopercepção, à improvisação, espontaneidade e para o desenvolvimento do discurso e da fala. Quantas crianças e adolescentes, eu e meus colegas ainda poderíamos ter alcançado se auxiliados por prefeituras e assistentes sociais, estando estáveis em canais permanentes de TV e rádio voltados à educação, à exploração de suas metodologias, canais que continuamente funcionariam como ofertantes de espaço para estágios e pesquisas, formal ou informalmente, sempre com o devido acompanhamento, supervisão e coordenação exigidos para a efetividade dessas intervenções e sua popularização entre as diferentes esferas do poder público e as distintas camadas da sociedade. Muitas ações e grupos como os que citei dependem de incentivo permanente para sua continuidade. As escolas e professores são imprescindíveis no processo educacional mas não podem ser os únicos responsáveis por sustentá-lo e torná-lo mais rico. Diversos agentes da sociedade durante essa oficina me estenderam a mão para que ela fosse possível. Além de Hosanan e Aretha se disponibilizarem para me ajudar, ainda contei com a ajuda de outros colegas do Hosanan, membros do *Entre&Vista*, contei com a refeição que eles ofereceram, contei com o vale transporte que possuía do trabalho, com o material pedagógico disponibilizado pelo professor Davi nas aulas

de Jogos e com a ajuda do meu marido Isllas. Se de forma ativa e persuasiva o poder executivo tivesse atuado rapidamente coordenando, convergindo e unificando todos esses esforços e possibilidades possuídas e negligenciadas pelas outras esferas, como a EBC, o CRAS, secretarias estaduais e municipais de educação e a educação privada, trabalhariam sintonizados, em prol do emprego eficiente e coordenado de recursos, integração entre as diversas iniciativas, utilização dinâmica de espaços e equipamentos, visando o menor tempo ocioso possível dos mesmos tornando o isolamento vivido menos angustiante e solitário, fazendo dos encontros à distância experiências menos entediantes, repetitivas e dependente dos PETs.

A finalização deste curso, seus estágios e o trabalho de conclusão apresentado neste contexto sanitário me possibilitou variados insights e perspectivas durante a realização. Pude me sentir valioso e potente, pude entender a importância da TV pública de qualidade e independente, pude visualizar e apoiar o esforço de duas educadoras do interior mineiro, pude ter contato com crianças de distintas classes sociais, frequentando a mesma sala de aula e perceber a dificuldade presente na hora de se assimilar e tornar interessantes aulas de artes que os únicos equipamentos disponíveis, eram impressões em papel, o computador pessoal de uma delas e em poucos momentos uma tv antiga e um dvd da escola. Enquanto o esforço de uns era para democratizar e qualificar o ensino, o de outros como o Governador e o secretário de educação do Paraná era servir aos oligopólios da educação privada, entregando recursos, dados e responsabilidades públicas aos mesmos.

Esse trabalho me tornou mais resiliente, consciente e pragmático, possibilitando-me enxergar o que para muitos trabalhadores e estudantes ainda é imperceptível quando apontam a ineficiência de serviços estatais, muitos de nós deixamos recair sobre os educadores e a escola a culpa por mal acompanhamento escolar de suas crianças, muitos chatearam-se com as escolas e a modalidade à distância durante a pandemia, quando as ordens partiam das secretarias estaduais e prefeituras, à revelia destes funcionários. Ao fim deste trabalho e curso tornei-me finalmente, integralmente e conscientemente parte do escudo/carapaça que reveste, protege e dá continuidade ao nosso ensino público, a partir de mim soluções e inovações serão possibilitadas e implementadas, mais crianças e jovens terão possibilidade de jogar e experimentar a liberdade dos Jogos Teatrais e suas possibilidades. Desde já sou continuidade do que aprendi, experimentei e pude conhecer graças ao ensino público de qualidade e seus agentes, as diferentes entregas, visões de mundo e empenho deles funcionarão para mim como eternos lembretes de minha capacidade como educador e modelador de personalidades, meu

falar e minha interação com crianças e jovens será sempre precedido e eco de vozes que me deram demonstrações diárias de maturidade, compromisso e cuidado com o outro. Concluo então com um trecho de VELANGA, sobre a gestão da comunidade escolar:

Assim, o perfil do gestor escolar inclui conhecimentos e habilidades específicos a fim de que sua liderança se exerça de forma a construir a escola cidadã independente do nível de escolaridade que ofereça à comunidade. Desta forma, várias qualidades a serem construídas no trabalho da gestão escolar devem ser vistas e revistas no que se referem às áreas administrativa, financeira, jurídica e pedagógica, e para, além disso, a área de relacionamentos interpessoais e de gestão da sala de aula. (VELANGA, 2009, p.186).

Declarando que diante de todas as dificuldades que as escolas onde estudei e frequentei enfrentavam, seus gestores permaneceram firmes, sintonizados com suas equipes mantendo e superando os desafios burocráticos e ideológicos que encontravam para a construção da escola cidadã ensejada, como referências. Espelhando-os enquanto geria primeiramente minha própria educação e autodisciplina no processo, ousou dizer merecer e querer participar desta construção coletiva e criativa, dar e ser continuidade deste processo lúdico e formal vivenciado. Estarei nas primeiras fileiras como responsável, adulto e educador, que discutirá e experimentará estas qualidades que ainda serão construídas e se farão necessárias nos novos formatos de gestão escolar, após uma crise sanitária sem precedentes. Esforcei-me para compreender neste período na prática e teoricamente, o conflito apresentado por VELANGA, “*entre o pensar em fazer e o querer fazer*” e finalizada a formação, ao avaliar minha desenvoltura durante a gestão de crises e imprevistos que surgiram no decorrer, salientar que os exemplos e atravessamentos que tive foram efetivos, marcantes e serão sempre a partir de agora partituras e possibilidades já experimentadas, com efeitos e desdobramentos conhecidos prontas para serem repetidas e adaptadas e reformuladas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- VELANGA, Carmen Tereza. **Gestão do trabalho escolar e a avaliação da aprendizagem numa perspectiva mediadora**: o conflito entre o pensar em fazer e o querer fazer. In: COLARES, M. L. I. S.; PACÍFICO, J.M.; ESTRELA, G.Q.(Org.). **GESTÃO ESCOLAR**: Enfrentando os desafios cotidianos em escolas públicas. Curitiba: Editora CRV, 2009. P 183 – 194.
- Lei nº. 11.652, que institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração

indireta e autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), 2008.

- SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.  
Tradução: Ingrid Koudela e Eduardo José de Almeida Amos.
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2008. Tradução: Ingrid Koudela.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.



## ANEXOS





